

## Utopia e distopia



Por **JEET HEER\***

*A imaginação utópica não é suficiente em si mesma para construir um mundo melhor, mas é um pré-requisito essencial*

Utopia e distopia são irmãs gêmeas, nascidas no mesmo momento da ancestralidade compartilhada da crítica social. Embora lembrada como a primeira tentativa moderna de imaginar sistematicamente uma sociedade ideal, a obra *Utopia* (1516) de Thomas More começou com um retrato agudo de uma Europa dilacerada pela guerra e pela pobreza esmagadora, com a previsão chocante de que, se o cercamento de terras agrícolas continuasse, logo as ovelhas estariam comendo pessoas. Essa perspectiva aterrorizante tornou urgente a busca por uma alternativa, a qual More esboça como uma sociedade igualitária, comunitária e de propriedade compartilhada.

As esperanças utópicas de More foram equilibradas por seus medos distópicos, com um novo senso da agência humana na construção da história, levando a possibilidades tanto esperançosas quanto terríveis. No meio milênio desde que More escreveu, incontáveis outros trilharam esses dois caminhos, pintando cenários ou de paraísos terrestres ou de infernos criados pelo homem.

O equilíbrio conquistado por More foi perdido em nossa própria era, na qual nossa vida fantasiosa está sobrecarregada de pesadelos distópicos e o impulso utópico é apenas vagamente ouvido. Em seu livro de 1994 *As Sementes do Tempo*, o teórico literário Fredric Jameson refletiu com pesar que “parece ser mais fácil para nós imaginar a completa deterioração da terra e da natureza do que o colapso do capitalismo tardio; talvez isso se deva a alguma fraqueza de nossa imaginação”.

Jameson viu está limitada, arruinada incapacidade imaginativa para conceber mudanças sistêmicas como uma das marcas registradas do pós-modernismo. As últimas décadas provaram-no profético, na medida em que a imaginação distópica tornava-se cada vez mais dominante em nossa cultura. Histórias assustadoras (e por demais plausíveis) de catástrofes climáticas, pandemias e autoritarismo crescente seguiram seus caminhos nos noticiários e ficções populares. Seja em *A Estrada*, de Cormac McCarthy, na trilogia de Margaret Atwood *MaddAddam*, nos *Jogos Vorazes* de Suzanne Collins, ou nos incontáveis filmes de zumbis, não nos faltam formas de imaginar o fim do mundo: guerra nuclear, oceanos subindo, biotecnologia enlouquecendo, ditadura totalitária. O que nos falta é qualquer roteiro positivo para a construção de um mundo melhor.

O impulso utópico é controverso em todo o espectro político. Margaret Thatcher resumiu brutalmente o ethos conservador dizendo “Não há alternativa” (“There is no alternative”). Se Thatcher estava certa, então a especulação utópica é impotente e fadada ao fracasso. E alguns da esquerda concordariam. Karl Marx consistentemente usou “socialismo utópico” como um termo de abuso, referindo-se a pensadores levianos como Charles Fourier e Henri de Saint-Simon que elaboraram planos para sociedades ideais sem considerar, como o próprio Marx tentou fazer, a dinâmica histórica real e a conjuntura de forças que poderiam, realisticamente, produzir mudanças.

O socialismo científico, insistiu Marx, era superior ao socialismo utópico. No mesmo espírito, o estudioso radical de relações internacionais Immanuel Wallerstein, em seu livro de 1998 *Utopística*, alertou que “utopias são criadoras de ilusões e, portanto, inevitavelmente, de desilusões. E utopias podem ser usadas, têm sido usadas, como justificativas para erros terríveis. A última coisa de que realmente precisamos são visões ainda mais utópicas”.

Contra Marx e Wallerstein, há uma venerável tradição de pensadores radicais que tentaram redimir a ideia de utopia em termos marxistas insistindo que a esperança de uma sociedade melhor mantém viva a agitação social. Jameson é talvez o

maior exemplar vivo dessa tradição. Em um ensaio de 2004 na *New Left Review*, Jameson insistiu, “Já é difícil o bastante imaginar qualquer programa político radical hoje sem o conceito de alteridade sistêmica, de uma sociedade alternativa, que apenas a ideia de utopia parece manter viva, por menor que seja”.

A imaginação utópica não é suficiente em si mesma para construir um mundo melhor, mas é um pré-requisito essencial. Como Oscar Wilde melhor expressou em seu ensaio “A Alma do Homem sob o Socialismo” (1891), quando declarou: “um mapa do mundo que não inclui a Utopia não serve nem para ser olhado, porque deixa de fora o único país em que a Humanidade está sempre desembarcando. E quando a Humanidade desembarca ali, olha para fora, e, vendo um país melhor, zarpa. O progresso é a realização de Utopias”.

A história confirma a presunção de Wilde. O gênero de ficção utópica, nascido da frustração durante os períodos de promessa desiludida, é um barômetro especialmente sensível da mudança histórica. As pessoas começam a escrever utopias quando se sentem descontentes com a ordem existente – o que Jameson identifica como o momento de quietude antes da erupção da tempestade revolucionária.

Baseando-se no trabalho de Jameson, o historiador Perry Anderson, também escrevendo na *New Left Review*, argumentou:

Há poucas dúvidas de que este tem sido, de fato, um padrão recorrente. A própria *Utopia* de More, em 1516, precedeu a eclosão da Reforma que convulsionou a Europa, e que consumiu o próprio More, em menos de um ano. O próximo grupo de utopias significativas – *A Cidade do Sol* (1623), de Campanella, *Nova Atlântida* (1623), de Bacon e a digressão idiossincrática de Robert Burton em *A anatomia da melancolia* (1621-1638) – surgiu no período anterior ao início da Guerra Civil Inglesa e da Revolta Napolitana do século XVII. O maior devaneio utópico de todos os tempos, *Suplemento à Viagem de Bougainville* (1772) de Diderot, foi escrito uma geração antes da Revolução Francesa. Também no século XIX, o extraordinário conjunto de ficções utópicas dos últimos anos do século – *Olhando para Trás* (1890) de Bellamy, a resposta de Morris em *Notícias de Lugar Nenhum* (1890), *Freiland* (também de 1890) de Hertzka, ao qual podemos adicionar, como uma contribuição do Extremo Oriente, *O Livro da Grande Unidade* (1888-1902) de Kang Youwei – precedeu as turbulências de 1905-1911 na Rússia e na China, a eclosão da Primeira Guerra Mundial, e a Revolução de Outubro.

Mais um exemplo são as especulações utópicas de marxistas da Escola de Frankfurt, como T. W. Adorno, Ernst Bloch e Herbert Marcuse durante as décadas de 1940 e 1950, obras que foram premonições antecipadas das revoltas dos anos 1960. Os próprios períodos de revolução, acrescentou Anderson, são acompanhados por uma eflorescência da escrita utópica. As décadas de 1960 e 1970 não foram exceção a esta regra, testemunhando a última grande explosão da tradição utópica nos escritos feministas e queer especulativos de Shulamith Firestone, Ursula K. Le Guin, Joanna Russ, Samuel R. Delaney e Marge Piercy. Nós ainda estamos vivenciando parte do que esses autores imaginaram.

Mesmo após o fim da chama utópica dos anos de 1960 e 1970, ainda existiam fagulhas consideráveis na ficção científica de Kim Stanley Robinson, que imaginou uma Califórnia ecologicamente sustentável em uma das maiores utopias modernas, *Pacific Edge* (1990). Não por acidente, Robinson fizera sua tese de doutorado, sobre a ficção de Philip K. Dick, sob a orientação de Jameson.

O que nós perdemos ao abrir mão da imaginação utópica? O cientista político Lyman Tower Sargent descreve o pensamento utópico como “sonhar socialmente”. As utopias nos ensinam a sonhar coletivamente, a aguçar nossa imaginação, a exigir mais, a perguntar se as injustiças do mundo realmente precisam existir – ou se nós podemos descobrir como nos livrar delas.

Um dos argumentos cruciais de Jameson é que as utopias não oferecem simples planos para serem executados, mas funcionam mais como ferramentas de diagnóstico para descobrir o que há de errado com a sociedade. Propostas utópicas mutuamente exclusivas ainda podem servir à mesma finalidade de expor as insuficiências da sociedade existente. A utopia preferida de Jameson de emprego universal pode parecer em discordância com o esquema de Marcuse de lazer universal. Mas ambas as propostas buscam evidenciar a monstruosidade de um sistema que vincula a sobrevivência ao emprego e mantém um exército reserva de desempregados.

A função da utopia, argumentou Jameson em seu ensaio de 2004, “não está em nos ajudar a imaginar um futuro melhor, mas sim em demonstrar nossa completa incapacidade de imaginar tal futuro – nosso aprisionamento em um presente não utópico sem historicidade ou futuro – de modo a revelar o fechamento ideológico do sistema em que nós de alguma forma estamos presos e confinados”.

Um dos sinais mais esperançosos do momento atual é que, pela primeira vez desde os anos 1970, a imaginação utópica revive. As vozes outrora solitárias como as de Robinson e Jameson agora estão sendo unidas por um coro mais jovem reivindicando renda básica universal, um *New Deal* Ecológico, fronteiras abertas, um super TVA (Autoridade do Vale do Tennessee) para modernizar a infraestrutura americana, e a abolição da polícia e das prisões, entre outros esquemas utópicos. Nem todos irão evoluir – e nem precisam. O impulso utópico existe para despertar desconforto com o status quo e agitação social.

Onde acaba, ninguém pode saber, porque todo progresso social é feito de baixo para cima, com pessoas martelando alternativas em meio aos conflitos da vida política. Mas a energia para criar tais alternativas não existiria sem sonhos utópicos.

**\*Jeet Heer** é jornalista da *The Nation* e autor, entre outros livros de *Sweet Lechery: Reviews, Essays and Profiles (Pocupine's Quil)*.

Tradução: **Marina Gusmão Faria Barbosa Bueno**.

Publicado originalmente no [The Nation](#).